

# O Programa Educativo Caixas Didáticas no Museu do Homem do Nordeste

Ricardo de Aguiar Pacheco<sup>1</sup> Déborah Vilela<sup>2</sup>

*The Pedagogical Boxes' Educational Program at the Homem do Nordeste Museum*

## Introdução

As consultas ao arquivo do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), ligado à Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), deu-nos acesso à documentação administrativa que registra as atividades educativas desenvolvidas pela equipe do Muhne na década de 1990. Ali estão os planos e os relatórios anuais do Departamento de Documentação que descrevem as ações desenvolvidas, os materiais produzidos, os técnicos envolvidos e o público atingido.

Nesse momento, olhamos para essa documentação com vistas a reconstruir os traços gerais dessa experiência de educação em museu. Entendemos que, ao dialogar com as orientações mais inovadoras do período, ela materializa um conjunto de orientações teóricas voltadas à realização de ações educativas que, ainda hoje, passados mais de 20 anos, podem inspirar a proposição de ações educativas voltadas à valorização dos acervos museológicos.

Sabemos que, ao longo da segunda metade do século XX, formulou-se e difundiu-se um conjunto de preocupações práticas e princípios teóricos que vieram a apresentar-se à museologia social. Inúmeros intelectuais passaram a questionar o caráter elitista das políticas públicas para os museus e o patrimônio cultural. Passaram a propor reflexões que apontavam para a necessidade de reconhecimento e valorização das práticas culturais dos grupos sociais subalternos por parte das instituições culturais. Diversos debates internacionais sistematizaram e difundiram orientações para o campo das políticas culturais que induziram diversos profissionais a repensar a função social das instituições museológicas.

O que dá sentido à museologia social não é o fato de ela existir em sociedade, mas, sim, os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula. Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas, quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas. (Chagas & Gouveia, 2014, p. 17)

---

<sup>1</sup> Doutor em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

<http://lattes.cnpq.br/1888823708270264> E-mail: [ricardo.aguiar.pacheco@gmail.com](mailto:ricardo.aguiar.pacheco@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em História

<http://lattes.cnpq.br/9140501119090048> E-mail: [debsantiago25@gmail.com](mailto:debsantiago25@gmail.com)>

A premissa de vinculação das instituições museológicas ao seu contexto socioeconômico particular, aqui apontada, foi amplamente debatida e materializada nos documentos de síntese das reuniões internacionais de organismos ligados à proteção e preservação do patrimônio cultural, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e o Conselho Internacional de Museus (Icom). Os documentos executivos aprovados ao final dessas reuniões, que recebem o nome genérico de *Cartas Patrimoniais*, são tomados como orientações gerais aos Estados-membros e suas instituições culturais (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional [Iphan], n.d. & Conselho Internacional de Museus [Icom], 1999).

A Conferência Geral da Unesco reunida em Paris de 17 de outubro a 16 de novembro de 1989 aprovou a “Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular”. No documento síntese da reunião, aponta-se uma série de orientações aos Estados-membros desse organismo internacional sobre a atenção a ser dada aos bens simbólicos da cultura tradicional e popular. O documento reconhece que as tradições populares e os saberes tradicionais são materializados por uma multiplicidade de práticas simbólicas e objetos materiais que expressam os valores, as crenças, as tradições que permitem aos indivíduos se reconhecerem como comunidade de sentido.

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem a expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco], 1989, p. 2).

O mesmo documento aponta para a necessidade de reconhecimento estatal das manifestações da cultura tradicional e popular, de sua valorização e difusão. Ou seja, que esses objetos culturais tenham o mesmo reconhecimento e sejam alvo da mesma atenção estatal dada aos bens simbólicos da cultura hegemônica.

Deve-se sensibilizar a população para a importância da cultura tradicional e popular como elemento da identidade cultural. Para que se tome consciência do valor da cultura tradicional e popular e da necessidade de conservá-la, é essencial proceder a uma ampla difusão dos elementos que constituem esse patrimônio cultural. Numa difusão deste tipo, contudo, deve-se evitar toda deformação, a fim de salvaguardar a integridade das tradições (Unesco, 1989, p. 4).

Ao listar as estratégias para realizar esse objetivo, o documento destaca a necessidade de cada museu apoiar, ou criar, seu serviço educativo com olhos voltados à sensibilização do seu público, da sua comunidade.

Apoiasse os serviços existentes e criasse outros para a produção de materiais educativos (como filmes de vídeo baseados em trabalhos práticos recentes), e estimulasse seu uso nas escolas, nos museus de cultura tradicional e popular e nos festivais e exposições de cultura tradicional e popular, nacional e internacionais (Unesco, 1989, p. 5).

Resultado de discussões internacionais, essa recomendação aponta que os museus têm a responsabilidade de institucionalizar ações educativas que ajudem o público a ter uma melhor vivência com o acervo em exposição, sobretudo para perceber e valorizar os acervos que materializam e valorizam os saberes tradicionais das comunidades do seu entorno social. Agindo dessa forma, o museu fortalece-se como instituição cultural da sociedade democrática e multicultural.

O seminário *A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios* realizado em Caracas, Venezuela, em janeiro de 1992, foi organizado pelo Icom e fez parte do calendário de debates da Unesco. Nesse momento, também se produziram reflexões sobre o papel dos museus na sociedade contemporânea, registradas na *Declaração de Caracas*.

No capítulo que trata sobre a comunicação, o Icom considera o museu como instituição de educação permanente da comunidade de seu entorno, como espaço de valorização e difusão dos valores da comunidade em que atua:

[...] o museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e autoestima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva (Icom, 1999, p. 252).

E, para isso aconteça, recomenda que cada museu organize ações que facilitem ao público o contato e a valorização dos bens culturais de seu acervo:

[...] que o museu busque a participação plena de sua função social museológica e comunicativa, como espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio, e como elo de integração social, tendo em conta em seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais das comunidades que produziram e usaram os bens culturais, permitindo seu reconhecimento e sua valorização (Icom, 1999, p. 252).

O Muhne é um museu antropológico que mantém em seu acervo um amplo leque de objetos da cultura popular e tradicional, mas também da cultura hegemônica, recolhidos nos diferentes territórios culturais da região. Nele, há objetos das tradições religiosas de matriz europeia, africana e indígena. Também mantém peças de uso cotidiano nas comunidades rurais e nos centros urbanos. Itens que remetem aos primórdios da ocupação colonial, mas também do século XX. Ou seja, o acervo cobre diferentes tradições culturais que coexistem na Região Nordeste.

A estrutura administrativa do Muhne da década de 1990 não apresentava um setor educativo e, portanto, não previa um grupo de técnicos voltado exclusivamente para essa tarefa. Mas isso não impediu à equipe do museu conceber e executar ações educativas. Assim, os anos 1990 foram de descoberta das possibilidades educativas do seu acervo, foi de exploração das formas de uso educativo do seu acervo e sua exposição.

Entendemos que a ação educativa Caixas Didáticas foi uma das diversas ações educativas desenvolvidas nessa década. Esse programa fez uso do acervo museológico para promover a difusão da cultura tradicional e popular. Analisando os registros disponíveis, é possível perceber as abordagens que se fundamentam nos princípios e valores da museologia social. Nessa estratégia, buscou-se ativamente criar vínculos com os grupos sociais urbanos e suas organizações com os objetos da cultura popular e tradicional.

### **A Caixa Didática**

A Caixa Didática foi um programa educativo concebido e desenvolvido pela equipe do Museu do Homem do Nordeste no início da década de 1990. Constituíam-se, basicamente, de um conjunto de vitrines móveis recheadas de peças museológicas acompanhadas de legendas explicativas e outros materiais de apoio didático projetados para serem utilizados fora do espaço do museu. Ela era oferecida às escolas, e outras instituições, que se inscreviam para recebê-la em seus próprios espaços.

Para a divulgação do programa Caixa Didática, foi confeccionado, à época, um panfleto informativo detalhando a proposta. Pelo conteúdo e linguagem desse material, entendemos que se destinava aos professores convidando-os a candidatar-se para receber a Caixa Didática em sua escola.

Podemos verificar, na Figura 1 a seguir, a linguagem visual atraente com a qual esse pôster foi organizado para explicar o funcionamento da ação. Na frente, aparece um logotipo limpo e claro do projeto que simula uma pipa sobre uma pessoa de braços erguidos, imagem que sugere um voo pedagógico. Na parte interna, um texto curto apresenta o projeto. Mas é acompanhado de desenhos que apresentam como a ação educativa funciona: uma vitrine abre-se permitindo ver os objetos do museu e, em volta dela, os alunos observam as peças e leem as legendas.

Em nossa interpretação, esse pôster apresenta, de modo bem objetivo, o funcionamento do programa. Ali estão descritos, de forma sintética, os objetivos e estratégias da ação. Também são informados os procedimentos para inscrever a escola no cronograma de atendimento do programa educativo do museu. Esse pôster, com explicações claras e bem ilustradas, já evidencia a preocupação da equipe com a dimensão didática do projeto.

Figura 1: Fôlder organizado para explicar o funcionamento da Caixa Didática.



Figura 1: Fôlder organizado para explicar o funcionamento da Caixa Didática.

Fonte: Recuperado de “Fundação Joaquim Nabuco. (1997a). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste”. *Caixa Didática* (mimeografado), pp. 1-2. Recife: Fundaj.

O texto presente na parte interior do fôlder traz uma apresentação clara e objetiva da atividade:

O Museu do Homem do Nordeste do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco, buscando ampliar o seu campo de ação museológica e reafirmar junto à sociedade o seu papel pedagógico de instituição voltada para a educação não formal, desenvolveu o projeto Caixas Didáticas com o objetivo de resgatar o processo democrático de acesso aos bens e ao fazer cultural, por toda população, e assim complementar a escolaridade facultada pelo ensino formal.

O projeto Caixas Didáticas apresenta-se como uma exposição itinerante, organizada a partir das coleções etnográficas do Muhne, sobre as manifestações da Cultura do Nordeste do Brasil. Esse projeto visa proporcionar às escolas da rede municipal, estadual e particular de ensino, associações e clubes, uma alternativa pedagógica centrada no uso do objeto museológico auxiliar ao conteúdo programático. Como resultado o Muhne pretende despertar no educando consciência crítica e de valorização ao patrimônio cultural ampliando no aluno e no professor a compreensão do conceito de museu no mundo moderno, como recurso pedagógico e instrumento de socialização, permitindo a criação espontânea de núcleos museológicos, a partir da própria escola (Fundação Joaquim Nabuco [Fundaj], 1997a, p. 2).

O primeiro parágrafo dessa apresentação mostra-nos que a equipe do Muhne procura desenvolver uma ação institucional “[...] buscando ampliar o seu campo de ação museológica e reafirmar junto à sociedade o seu papel pedagógico de instituição voltada para a educação não formal”. O texto também deixa claro o desejo da equipe de “ampliar o seu campo de atuação museológica” assumindo o papel de instituição de “educação não formal” voltada a “complementar a escolaridade pelo ensino formal”. Podemos associar essas manifestações às recomendações da

*Declaração de Caracas*, de 1992, que manifestam as preocupações da museologia social e a vinculação dos museus às suas comunidades.

Mas o texto também manifesta “[...] o objetivo de resgatar o processo democrático de acesso aos bens culturais e ao fazer cultural”. Essa frase precisa ser entendida no contexto histórico marcado pela promulgação da Constituição de 1989, momento em que a sociedade brasileira vivenciava o retorno ao processo político democrático com as eleições presidenciais marcadas para o ano seguinte.

No segundo parágrafo da apresentação, o projeto Caixas Didáticas é descrito com muita objetividade. Apresenta-se “uma exposição itinerante” com peças do museu antropológico que apresentam “as manifestações da Cultura do Nordeste”. Ou seja, o museu, instituição que sacraliza os objetos de uso cotidiano, colocava-se disposto a enviar para as escolas peças de seu acervo. Para entender essa disposição, precisamos assumir que não são de peças de maior importância e raridade do acervo que serão colocadas em circulação, possivelmente objetos duplicados. Mas, ainda assim, é possível supor que são peças originais e de valor museológico que serão enviadas às escolas. Desta forma, não podemos deixar de reconhecer que se trata de uma iniciativa arrojada, tanto para aquele momento histórico como para o atual.

O segundo parágrafo ainda explicita o que entendemos serem os dois objetivos didáticos dessa atividade: “[...] uso do objeto museológico auxiliar ao conteúdo programático” e “[...] despertar no educando consciência crítica e de valorização ao patrimônio cultural”. Não precisamos discorrer longamente sobre cada um desses para argumentar o quão atual e desafiador é o uso didático dos museus e a difusão dos valores culturais dos objetos musealizados para destacar a amplitude da visão de educação da equipe que concebeu e realizou esse programa educativo.

O fôlder (Figura 1) segue explicando a proposta do programa. Usa o título *O que é a Caixa Didática?* e descreve-o da seguinte maneira:

O que é Caixa Didática?

A Caixa Didática é um kit educativo, de auxílio ao professor, que permite a exploração em sala de aula ou qualquer espaço público, de temas relativos à cultura nordestina, destinado a atender aos programas de ensino básico do 1º grau. Foi projetada de modo simples e objetivo, em forma de caixa, facilitando o acesso do usuário à exposição e o seu manuseio, contendo 10 peças do acervo do Museu do Homem do Nordeste, descritos e ilustrados com fotografias, etiquetas informativas, texto e Caderno Didático contendo:

- Texto sobre o assunto e relação dos objetos em exposição;
- Roteiro para o desenvolvimento e trabalhos em classe;
- Bloco de ilustrações para o desenvolvimento das atividades práticas;
- Formulários de instruções de uso;
- Formulário de requisição de empréstimo da Caixa Didática;
- Formulário de avaliação do projeto para escola e/ou professor.

Esse processo interativo sugerido pela Caixa Didática proporciona melhor compreensão do tema, fixação da tecnologia demonstrada e desenvolvimento do processo criador (Fundaj, 1997a, p. 2).

Essa apresentação dos materiais desenvolvidos para o Programa Educativo Caixas Didáticas permite-nos ver a complexidade da ação e o nível de elaboração da equipe que concebeu e executou a atividade. “A Caixa Didática é um kit educativo” composto da própria “caixa” produzida em madeira. Ela é acompanhada de texto didático sobre o tema e dos objetos que ela exhibe, de roteiro para o desenvolvimento da atividade didática, de bloco de ilustrações para desenvolvimento das atividades.

Mas, como o museu é uma instituição responsável pela guarda do seu acervo, a movimentação das peças e materiais não pode ocorrer sem registro e responsabilização. Por isso, o kit pedagógico já trazia consigo os formulários de requisição do material, o formulário de avaliação da atividade e um formulário de instruções de uso do material exposto. Percebemos, com a leitura dessas informações do fôlder, que o procedimento para a utilização da Caixa Didática tinha um passo a passo a ser cumprido por quem a requisitava.

A Caixa Didática, como mostram as ilustrações do panfleto e as fotos das atividades que veremos abaixo, é um armário de madeira com vitrine transparente. Tem dimensões próximas de uma pessoa adulta, ou seja, algo próximo de 1,5 m de altura e 0,8 m de face.

Essa Caixa Didática era levada para escolas ou outros espaços que desejassem desenvolver uma atividade educativa. Como ilustrado no panfleto, as paredes laterais da Caixa Didática são destacadas da parte principal deixando à mostra as prateleiras e formando dois expositores em forma de L. Assim, cada caixa transformava-se em uma vitrine e dois murais. Nesse equipamento, ficavam expostas 10 peças do acervo do Museu do Homem do Nordeste, mas também imagens e textos complementares que permitem a contemplação da exposição.

### **A Proposta Pedagógica**

Levar os objetos em caixas para escolas e outros espaços possibilitava um maior acesso aos objetos do museu. Oportunizava a criação de exposições dentro da proposta da escola, da associação de bairro, do sindicato, enfim, qualquer comunidade que desejasse o contato com os bens culturais e seus valores simbólicos e econômicos. Mas, mesmo sendo apresentado como atividade de ensino não formal, a Caixa Didática era acompanhada de um “Roteiro para o desenvolvimento e trabalhos em classe”:

Por entendermos que o melhor aproveitamento da Caixa Didática se dá na medida em que o professor estimula seus alunos a participarem de forma interativa do conhecimento acerca do tema tratado, é que trazemos ao professor algumas sugestões para um plano de trabalho em que possa utilizar o conteúdo informativo desse material visando atender ao programa pedagógico algumas disciplinas como História, Geografia, Artes, Português e Estudos Sociais (Fundaj, 1996a, p. 9).

A densidade da proposta de uso didático desse material fica melhor expressa nos materiais que acompanham a caixa. O arquivo da instituição guarda cópia do projeto Caixa Didática. Nesse projeto, há uma matriz, impressa em 17 páginas de papel ofício, em que vemos o material de apoio da ação educativa Caixa Didática que trata sobre a Cestaria Indígena.

Essa matriz inicia-se com um texto introdutório da temática Cestaria Indígena; segue um planejamento didático; a relação das peças expostas; um questionário de avaliação do impacto da atividade; orientações sobre como produzir uma cesta de cipó ou vime; o formulário de solicitação do material; e, finalmente, as instruções de uso do material. Tratemos de cada uma das partes desse documento para perceber a amplitude das preocupações da equipe que produziu esse material.

O Material de Apoio da Caixa Didática sobre a Cestaria Indígena inicia com um “Texto sobre o assunto e relação dos objetos em exposição”. É um texto que tem como destinatário o organizador da atividade ou aos possíveis mediadores que acompanhassem a visita à exposição. Ele traz um conjunto de informações antropológicas sobre a atividade de cestaria. Apresenta que a arte de construir objetos com o transado de fibras tem origem na pré-história da humanidade e mantém-se viva ainda hoje nas comunidades indígenas que vivem no Estado de Pernambuco. Segue listando a amplitude de objetos que são produzidos com a técnica de cestaria. De cestos a tapetes, de chapéus a objetos rituais. Essa parte finaliza com desenhos que reproduzem diferentes traçados da técnica de cestaria.

Como podemos observar, o planejamento didático apresentado sustenta-se no princípio do ensino ativo propondo atividades que preveem a aplicação do conhecimento como estratégia didática eficaz para produzir aprendizagem. Depois, traz um aviso geral de que as atividades são uma sugestão, podendo ser aplicadas no todo ou em partes. Por fim, aponta que os conhecimentos materializados nas peças em exposição podem ser explorados por diferentes disciplinas escolares, dialogando com a perspectiva da interdisciplinaridade.

Sinteticamente, o planejamento didático propõe a localização no mapa da Região Nordeste de locais onde ocorre a vegetação de palmeiras, matéria-prima da cestaria das populações indígenas de Pernambuco. Sugere que seja solicitado ao público a realização de uma pesquisa sobre os tipos e usos dos objetos de cestaria e a leitura do texto didático que acompanha esse material.

A seguir, o planejamento sugere que os alunos sejam estimulados a fazer a trama da cestaria com outros materiais, como rolos de papel jornal ou canudos plásticos. Essa etapa do planejamento já seria bem inovadora, interessante e motivadora, mas a equipe sugere que, ao final, os alunos sejam provocados a criar coleções particulares ou coleções didáticas na escola e, até mesmo, utilizar o artesanato de cestaria como atividade econômica:

Incentivar nos alunos a criação das primeiras coleções particulares, e/ou coleções didáticas para a escola, aproveitando a noção do museu moderno como laboratório e instrumento de educação não formal, incentivando a valorização e o respeito à nossa cultura.

Promover, junto à escola, a criação de núcleo de produção artesanal com o objetivo de incentivar vocações, promover a arte e o artesanato popular e oferecer às comunidades carentes uma alternativa de trabalho (Fundaj, 1997b, p. 9).

Lemos, nessa proposição do planejamento didático, a materialização do princípio da museologia social que advoga para o museu o lugar de instituição de mobilização da sua comunidade para a valorização econômica da sua cultura. Aqui o museu não se restringe a guardar e expor os objetos culturais, mas também se dedica a promover os valores culturais das comunidades e torná-los geradores de renda.

Para dar suporte a esse propósito, o material de apoio trazia um “Bloco de ilustrações para o desenvolvimento de atividades práticas”. São duas páginas contendo, numa face, um passo a passo enumerado orientando a produção de uma trama e, na outra face, ilustrações de cada um desses passos. Ou seja, um pequeno manual didático para a produção de trama simples que pode ser utilizada para a produção de peças de artesanato.

A matriz produzida pela equipe do museu traz ainda uma página com “instruções de uso” da Caixa Didática nos locais que a recebem. Essa traz as orientações a serem observadas no momento da montagem:

Instruções de uso:

A Caixa Didática foi construída com material de boa qualidade e seu manuseio exige cuidados que devem ser observados para prolongar a sua duração:

Evite qualquer atrito sobre o acrílico porque arranha com facilidade;

Exponha a Caixa Didática em ambiente seco e bem iluminado, se utilizar refletores verifique bem as emendas de fios de extensão para evitar choques e acidentes;

Se utilizar refletores, instale-os sempre a 3 metros de distância da vitrine longe do alcance de crianças;

Certifique-se de que todas as conexões estão bem encaixadas, para impedir a brusca desmontagem da Caixa;

Incentive o cuidado e a manutenção do material em sala de aula, elegendo um auxiliar por dia para manter-se vigilante sobre a exposição;

Em seu próprio benefício, ajude a conservá-la, se habituando a receber a exposição Caixa Didática maior número de vezes;

Os modelos fornecidos, com apenas um exemplar de cada ficha, deverão ser fotocopiados em número suficiente para o trabalho em sala de aula;

Ao devolvê-la ao Museu do Homem do Nordeste, certifique-se de que todo o material está em ordem, inclusive com as fichas de avaliação.

Museu: aprendendo com você a ensinar (Fundaj, 1997b, p. 14).

As instruções de uso do material também nos trazem outros indícios sobre as concepções que orientavam a equipe na concepção desse material didático com o uso de peças do Museu do Homem do Nordeste.

Inicialmente, há recomendações que dizem respeito à conservação física do material didático. É lembrado que “seu manuseio exige cuidados”, que a vitrine de “acrílico [...] arranha rápido”. Vemos, ainda, a sugestão de definir um vigia para o material “[...] elegendo um auxiliar por dia para manter-se vigilante sobre a exposição”. Essas observações sobre o cuidado são associadas à responsabilidade coletiva de fazer com que os expositores tenham uma duração que os permita circular por mais espaços, por mais tempo, ampliando assim o alcance da atividade.

Uma segunda ordem de orientações é sobre a montagem do material didático. É lembrado da importância de colocá-lo em lugar “seco e bem iluminado”. Acompanha também a observação para que a iluminação direta fique distante das peças. Esses cuidados museológicos são necessários porque a Caixa Didática e os objetos que transportava provavelmente permaneceriam no local por alguns dias e não poderiam sofrer desgaste com a humidade ou o calor da luz direta.

Ao final dessas orientações, é escrito “Museu: aprendendo com você a ensinar”, como se fosse um slogan do projeto. Essa declaração emblemática destaca que a Caixa Didática era uma ideia original que estava sendo elaborada, construída e testada. Essa frase também sinaliza que a equipe que desenvolveu o programa se valia dos princípios da educação popular. Sinaliza que a equipe tem consciência de que desenvolve uma atividade nova e inovadora que será significada pelo público assumindo sentidos e valores imprevistos, mas que devem ser observados pelos educadores como legítimos.

No retorno das caixas ao museu, as escolas e os professores participantes deveriam responder um questionário de avaliação. Nesse, havia perguntas sobre como foi o desenvolvimento das atividades na escola, sobre as disciplinas e conteúdos curriculares que se utilizaram do material. Esse leque de perguntas novamente mostra a disposição da equipe em aprender com a comunidade que utilizou o material e, de alguma forma, melhorar sua qualidade. Mas uma última pergunta indaga sobre a percepção do papel social do museu: Houve alguma modificação quanto ao conceito de MUSEU, para os alunos da escola, após a exposição da Caixa Didática? Como isso foi percebido? (Fundaj, 1997b, p. 12).

Nessa questão, vemos a intenção da equipe em perceber como a sua comunidade pensa e observa o museu. E mais, se essa percepção modificava-se. Essa formulação faz-nos ver que a própria equipe tem presente que a atividade Caixa Didática era tão inovadora que transformava a própria concepção de museu socialmente difundida.

Vemos, portanto, a intenção da equipe que concebeu e produziu esse programa educativo de difundir os valores culturais dos objetos culturais transportados nas caixas didáticas, mas difundir também a importância da instituição museu para a sua comunidade. Reflete, mais uma vez, os debates expressos nas cartas patrimoniais.

### **Imagens da Atividade**

Não temos relatório descritivo das ações desenvolvidas com a Caixa Didática em outras instituições. Mas estão arquivadas algumas fotos que nos permitem visualizar um evento ocorrido no Museu do Homem do Nordeste. Sem informações descritivas do ocorrido, tomaremos esse evento fotografado como um protótipo, como uma aplicação experimental daquilo que a equipe executora do projeto desejava que ocorresse nos espaços que recebessem a Caixa Didática.

Figura 2: Formação Caixa Didática – Atividade educativa no saguão do Museu do Homem do Nordeste.



Fonte: Recuperado de “Fundação Joaquim Nabuco. (1997c). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste”. *Relatório de acompanhamento de projetos 1990 a 1996* (mimeografado). Recife: Fundaj.

Na Figura 2 acima, podemos extrair algumas informações significativas sobre o projeto. Inicialmente, percebemos que a atividade educativa ocorria no saguão de entrada do museu. Isso mesmo com a instituição dispondo de salas mais adequadas para palestras para o público amplo. Tal opção provavelmente guarda relação com a proposição de que a exposição da Caixa Didática fosse montada em lugar não formal: a área coberta de uma escola (e não na sala de aula), o salão de uma associação de moradores, de um sindicato ou de uma igreja (e não um auditório).

Nessa figura, identificamos a museóloga Silvia Brasileiro falando para um grupo de pessoas composto majoritariamente por jovens com camisas escolares. Também percebemos a presença de dois adultos destacados à direita da foto, junto ao pilar, de frente para os estudantes, posição característica de professores que acompanham grupos de estudantes. Ou seja, claramente, trata-se de um grupo alunos da Educação Básica levados ao museu por seus professores.

Também nos chama a atenção a presença das Caixas Didáticas posicionadas em frente aos estudantes e ao lado da museóloga. Essa disposição dos elementos (objeto exposto – palestrante – público) torna-nos evidente que a fala da museóloga apresentava aos alunos as informações sobre as peças expostas na Caixa Didática. É possível supor que a palestrante está utilizando as informações que estão presentes no material de apoio produzido pela equipe: a história da cestaria, seus usos pelos povos indígenas, tipos de trama, objetos que são produzidos.

Na figura 3 a seguir, é possível ver a Caixa Didática em si. Podemos perceber sua construção em madeira e acrílico translúcido. A estrutura compacta permitia o transporte dos objetos museológicos em segurança. Seu sistema de encaixe viabilizava uma montagem simples e segura.

Mas agora a Caixa Didática está montada no lado externo do hall de entrada, diretamente sob o sol, o que contraria as recomendações apresentadas nas “Orientações de uso”. Como sabemos que a equipe do museu tem clareza do dano que essa iluminação direta oferece às peças de sisal, devemos, portanto, entender que essa disposição foi feita apenas para aproveitar a iluminação e obter uma fotografia de melhor qualidade. Esse procedimento reforça a hipótese de ser essa atividade um ensaio de uso do material produzido, uma testagem conduzida pela equipe para verificar a eficiência da Caixa Didática sobre a Cestaria Indígena.

Figura 3: Formação Caixa Didática – Vitrine montada.



Fonte: Recuperado de “Fundação Joaquim Nabuco. (1997c). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste”. *Relatório de acompanhamento de projetos 1990 a 1996* (mimeografado). Recife: Fundaj.

Nessa Figura 3, temos uma visão panorâmica da Caixa Didática. É possível ver, no centro da imagem, a vitrine de acrílico translúcido com três prateleiras para suporte das peças. No interior da vitrine, é possível ver peças de cestaria como chapéus e cestas, objetos culturais associados à cultura indígena.

Nos lados, vemos os dois expositores em forma de L que também serviam como tampões para o transporte da vitrine. Nesses expositores, também é possível perceber textos informativos e fotografias. No expositor da esquerda, vemos colares e sacola. No da direita, estão expostos um tapete e um conjunto de arco e flechas.

Olhando as peças, a disposição e as informações complementares, somos levados a crer que a Caixa Didática, por si, permitiria uma boa percepção da temática da cestaria indígena. Os diferentes objetos apresentados dão uma boa dimensão da multiplicidade de seus usos e funções da cestaria. Ao mesmo tempo evidencia a complexidade da técnica de produção e o nível de qualidade atingido pelas comunidades indígenas da Região Nordeste.

Figura 4: Formação Caixa Didática – Grupo fazendo cestaria.



Fonte: Recuperado de “Fundação Joaquim Nabuco. (1997c). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste”. *Relatório de acompanhamento de projetos 1990 a 1996*. Recife: Fundaj.

O material de apoio traz um bloco de ilustrações com um passo a passo para a produção da trama do sisal. Na Figura 4 acima, vemos um grupo de pessoas, diferente do grupo das figuras anteriores, em torno de uma mesa no interior de uma sala. As portas e janelas da sala, bem como o jardim externo, permitem-nos reconhecer o espaço físico do Museu do Homem do Nordeste, o que nos leva a entender que essa atividade se desenvolve em uma sala do museu e não em outra instituição.

Sobre a mesa, vemos sacos de onde saem cortes de sisal ou cipós, materiais propostos no material impresso, e vemos nas mãos das pessoas as tramas de sisal. Essa foto, portanto, evidencia-nos que a oficina descrita no material impresso estava sendo executada.

Em seu conjunto, essas fotos evidenciam que o programa educativo Caixas Didáticas foi efetivamente desenvolvido. Segundo o Plano Anual de Trabalho de 1996 (Fundaj,1996), 16 escolas inscreveram-se para visitar o Museu do Homem do Nordeste nesse ano e para participar do programa Caixas Didáticas. Não podemos afirmar que todas essas escolas efetivamente vivenciaram todas as atividades propostas pelo planejamento, mas, com certeza, tiveram uma relação mais qualificada com as peças expostas e, por meio desta, com a cestaria indígena. Materializaram a preocupação de aproximar a comunidade dos objetos da cultura popular e tradicional.

## Conclusão

Ao longo da segunda metade do século XX, ocorreu um amplo debate internacional sobre o papel dos museus na valorização da cultura popular e tradicional. Os planos e relatórios anuais do Museu do Homem do Nordeste evidenciam que essa discussão circulou pela instituição influenciando diversas ações sendo a Caixa Didática apenas uma delas.

Nossa leitura dessa documentação administrativa da década de 1990, arquivada pela própria instituição, possibilita-nos perceber que a Caixa Didática possibilitou a circulação das peças representativas da cultura popular e tradicional por espaços externos ao museu. Dessa forma, deu visibilidade a práticas culturais e valorizou saberes populares e tradicionais ligados à cestaria da própria região, materializando as diretrizes da “Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular”, patrocinada pela Unesco em Paris no ano de 1989.

Destacamos, também, que, ao criar o projeto Caixas Didáticas, a equipe do Muhne, seguindo as tendências museológicas do período, afirmou o papel pedagógico do museu. Vemos que foi organizada não apenas a exposição em si, mas um conjunto de atividades didáticas que apontavam estratégias de ensino ativo que potencializavam o valor didático dos objetos culturais expostos. Esse conjunto materializa preocupações presentes na *Declaração de Caracas (1992) sobre A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios*, promovida pelo Icom.

Podemos, portanto, supor que a equipe do Muhne assumiu de forma consciente os princípios da museologia social na concepção e produção da ação educativa Caixa Didática. Tanto o material de divulgação como os relatórios de atividades evidenciam que o museu pretendia assumir o lugar de diálogo com a sua comunidade na construção da sociedade democrática.

### Referências

- Chagas, M., & Gouveia, I. (2014). Museologia Social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do CEOM*, 27 (41), 9-22 [Disponível em <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2592>, consultado em 25/01/2020].
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cartas Patrimoniais*. (n.d.) [Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>, consultado em 27/02/20].
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [Unesco]. (1989). *Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*. Paris: IPHAN. [Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>].
- Conselho Internacional de Museus [Icom]. (1999). Declaração de Caracas 1992. *Cadernos de Sociomuseologia*, 15(15), 243-265. Lisboa, PT: Universidade Lusófona. Disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>, consultado em 25/02/20].
- Fundação Joaquim Nabuco [Fundaj]. (1996). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste. *Fichas de cadastro de projetos/atividades* (mimeografado). Recife: Fundaj.
- Fundação Joaquim Nabuco. (1996). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste. *Plano Anual de Trabalho* (mimeografado). Recife: Fundaj.
- Fundação Joaquim Nabuco. (1997a). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste. *Caixa Didática* (fôlder mimeografado). Recife: Fundaj.
- Fundação Joaquim Nabuco. (1997b). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste. *Projeto Caixa Didática* (mimeografado). Recife: Fundaj.
- Fundação Joaquim Nabuco. (1997c). Instituto de Documentação. Museu do Homem do Nordeste. *Relatório de Acompanhamento de Projetos 1990 a 1996* (mimeografado). Recife: Fundaj.